

First Submitted: 28 March 2024 Accepted: 3 May 2024

DOI: <https://doi.org/10.33182/y.v5i1.3419>

Sobre a transição comunista na URSS: uma crítica da teoria da revolução socialista. Lenin e o significado histórico da sua proposta de capitalismo de estado

Paulo Alves de Lima Filho¹

Resumen

A inédita transição ao comunismo colocada na história pela Revolução Russa de 1917, obrigou seus líderes teóricos a resolverem a tarefa de conceber e levar a contento tal transição. Lenin foi, sem dúvida, quem mais se aproximou de desvendar tal processo, em disputa com a maioria dos teóricos, embora ainda tenha carregado o ônus do equívoco da teoria da revolução socialista, de matriz lassalleana, que nada tem a ver com Marx. A teoria de Lenin sobre o capitalismo de estado bem demonstra a riqueza de seu pensamento, ao revelar a necessária raiz comunista da transição, e os elementos necessários e obrigatórios para uma transição que se mantivesse fiel à tarefa de emancipação dos trabalhadores.

Palabras clave: Revolução Russa; Transição para o comunismo; Capitalismo de Estado; Teoria da revolução socialista; Emancipação dos trabalhadores

Sobre la transición comunista en la URSS: una crítica a la teoría de la revolución socialista. Lenin y el significado histórico de su propuesta de capitalismo de Estado

Abstract

La transición sin precedentes al comunismo que marcó la historia de la Revolución Rusa de 1917 obligó a sus líderes teóricos a resolver la tarea de concebir y llevar a cabo con éxito dicha transición. Lenin fue, sin duda, quien más cerca estuvo de desvelar este proceso, en disputa con la mayoría de los teóricos, aunque todavía cargó con el peso de la incomprensión de la teoría de la revolución socialista, de matriz lassalleana, que nada tiene que ver con Marx. La teoría de Lenin sobre el capitalismo de Estado demuestra claramente la riqueza de su pensamiento, al revelar la necesaria raíz comunista de la transición y los elementos necesarios y obligatorios para una transición que permanezca fiel a la tarea de emancipar a los trabajadores.

Keywords: Revolución Rusa; Transición al comunismo; Capitalismo de Estado; Teoría de la revolución socialista; Emancipación de los trabajadores

“Os capitalistas beneficiarão da nossa política e criarão um proletariado industrial, que no nosso país, graças à guerra e à ruína e devastação desesperadas, foi desclassificado, isto é, arrancado da sua rotina de classe e deixou de existir como um proletariado. O proletariado é a classe envolvida na produção de bens materiais nas empresas da grande indústria capitalista. Desde

¹ Instituto Brasileiro de Estudos Contemporâneos (IBEC), Brasil. Correo electrónico: flap1951@gmail.com



que a grande indústria capitalista foi destruída, desde que as fábricas e as siderúrgicas foram destruídas, o proletariado desapareceu. Às vezes ele era listado formalmente, mas não estava vinculado a raízes econômicas.” (Lenin, 1922)

Coube a Lenin, em sua curta vida, assim como aos marxistas russos de sua geração, enfrentar, resolver ou pelo menos ousar resolver problemas inéditos na história do movimento revolucionário comunista. Problemas derivados da apreensão da evolução particular do capitalismo russo, assim como dos desafios singulares impostos pela sociedade russa e sua revolução. Podemos enumerar alguns deles: antes de tudo a concepção do partido dos marxistas revolucionários, o partido de vanguarda, assim como a definição do caráter da revolução russa, a necessidade da tomada do poder em situação histórica determinada, a Nova Política Econômica – a NEP e, nela, a proposta do capitalismo de estado como saída necessária do assim chamado comunismo de guerra, a necessidade do planejamento econômico, etc.

A história da revolução russa ainda está para ser escrita e só o tempo nos revelará a totalidade de suas dimensões, de sua reprodução social. (Hobsbawm, 2013) Este trabalho utiliza elementos historiográficos oficiais das Obras Completas de Marx e Engels, assim como de Lenin. Está longe de esgotar a vasta bibliografia, marxista ou não, sobre a história da revolução russa. Entretanto, tem a pretensão de apontar alguns equívocos teóricos fatais, vinculados ao legado histórico desses mestres que a história do marxismo e do movimento comunista fizeram atuar sobre a revolução russa e que implicaram em graves consequências para o destino dessa revolução e do movimento comunista mundial até os dias atuais.

Tratemos da proposta do capitalismo de estado

Lenin, em sua intervenção no XI Congresso do PCR, realizado entre 27 de março e 2 de abril de 1922, é enfático e explícito ao determinar a necessidade da nova política econômica e, nela, do significado daquilo que denominou como capitalismo de estado. O centro da questão estaria, para ele, no restabelecimento das trocas mercantis, ou seja, das relações econômicas e, conseqüentemente políticas com o campesinato e, nele, com a massa dos camponeses pobres. Esta questão seria vital para do destino do comunismo e, conseqüentemente, do partido comunista. (Lenin, 1970:77-78)

Por sua vez, esse vínculo com o campesinato a ser construído exige ação qualificada do estado e, neste, dos comunistas que o dirigem. O núcleo do poder do estado estava constituído por comunistas, núcleo esse que se exige capacitar para administrar e realizar essas trocas. Entretanto, a experiência, até então (1922), demonstrara que isso ainda não ocorria e que havia sérios empecilhos à sua consecução. Tal tarefa, outrossim, era da máxima urgência. Era preciso, para isso, estudar, aprender a tocar os negócios em uma sociedade capitalista. Havia que superar a capacidade dos capitalistas e seus funcionários nesse quesito, caso contrário não mais se sustentaria o poder dos comunistas. (Lenin, 1970: 78-80)

Para Lenin, não havia como prosseguir a economia de guerra (denominado “comunismo de guerra”) e era impossível evitar o transito econômico pelo capitalismo, ou seja, havia que retomar as trocas, aceitar o capital como relação social vital para conduzir o processo econômico, assim como os personagens do capital, os capitalistas, os especialistas, os



negociantes em geral. Obviamente, o trânsito direto ao comunismo estava vedado, impossível ir além das mercadorias e do capital, portanto, por decreto.

A sociedade que expressaria essa transição, foi denominada por Lenin de capitalismo de estado, entretanto qualitativamente distinto do seu homônimo capitalista. Se no capitalismo o estado é o capitalista coletivo, na nova sociedade o estado seria o *comunista coletivo*. No caso russo, seu corpo diretivo estaria composto por comunistas. (Lenin, 1970: 45-85) Daí que era vital capacitar e expandir esse núcleo dirigente, para a garantia da transição comunista. Dizia Lenin:

“Sobre a questão do capitalismo de Estado em geral, a nossa imprensa e o nosso partido em geral cometem o erro de cairmos no intelectualismo, no liberalismo, nos tornarmos sábios sobre como compreender o capitalismo de Estado e olharmos para livros antigos. E o que está escrito aí está completamente errado: está escrito sobre o capitalismo de estado que acontece sob o capitalismo, mas não há um único livro que escreva sobre *o capitalismo de estado que acontece sob o comunismo*. Mesmo Marx não pensou em escrever uma única palavra sobre este assunto e morreu sem deixar uma única citação exata ou instruções irrefutáveis. Então agora temos que sair nós mesmos.”²

Aqui se exigem algumas observações. A primeira, sobre Marx. É bem possível que Lenin, na ocasião, não tivesse conhecimento da correspondência de Marx (afinal, ainda hoje não temos a edição definitiva das obras de Marx e Engels, o que significa que algumas gerações de estudiosos tiveram acesso limitado à obra dos mestres), pois nela há elementos bastante convincentes sobre a preocupação de ambos com o curso desigual das revoluções proletárias do final do século XIX, com sua forte suposição de que estas ocorreriam em países ainda não plenamente maduros do ponto de vista capitalista, nos quais ocorreram revoluções burguesas conservadoras, em especial com o futuro próximo da revolução proletária na Alemanha.³

² Lenin, V.I. (tradução do russo e Itálico PALF)

³ Marx & Engels, Obras Completas, t. 28, ED. P. L. Moscou, 1970, Carta de Engels a Wiedemayer, Manchester, 12 de abril e 1853, p.485-493: “Sob tais circunstâncias, mesmo na avaliação mais sóbria, parece-me completamente inconcebível que a situação atual sobrevivesse à primavera de 1854. É muito bom que desta vez a nossa festa atue em condições completamente diferentes. Todas aquelas estupidezes socialistas que em 1848 ainda tinham de ser defendidas contra os democratas puros e os republicanos do Sul da Alemanha, as ideias absurdas de Louis Blanc, etc. opiniões sobre a confusa situação na Alemanha - tudo isto será agora defendido pelos nossos adversários - os Srs. Ruge, Heinzen, Kinkel, etc. **Pré-requisitos para a revolução proletária**, medidas que nos preparam uma cabeça de ponte e nos abrem caminho - como, por exemplo, uma república única e indivisível⁷³³, etc. que, em virtude da sua vocação natural e normal, deveriam tê-los realizado, ou pelo menos exigido, tudo isto é agora reconhecido, estes senhores aprenderam tudo isto. Desta vez poderemos partir diretamente do Manifesto*, especialmente graças também ao julgamento de Colônia, no qual o comunismo alemão (especialmente na pessoa de Röser) passou no exame de admissão. Tudo isto, é claro, refere-se apenas à teoria; na prática, nós, como sempre, seremos obrigados a limitar-nos a exigir, antes de mais, medidas decisivas e uma crueldade absoluta. E é aqui que reside o problema. **Penso que numa bela manhã o nosso partido, devido ao desamparo e à letargia de todos os outros partidos, será forçado a tomar o poder para, em última análise, realizar coisas que não correspondem diretamente aos nossos interesses, mas aos interesses do revolucionário geral. e especificamente pequeno-burguês; neste caso, sob a pressão das massas proletárias, limitados pelas nossas próprias declarações e planos impressos, até certo ponto falsamente interpretados e apresentados no calor da luta partidária, seremos forçados a realizar experiências comunistas e a dar saltos, que nós próprios sabemos muito bem o quão inoportunos são.** Ao mesmo tempo, perderemos a cabeça - esperemos que apenas no sentido físico - ocorrerá uma reação e, antes que o mundo seja capaz de fazer uma avaliação histórica de tais acontecimentos, seremos considerados não apenas monstros, o que teríamos não me importo, mas também tolos, o que é muito pior. É difícil imaginar outra perspectiva. *Num país tão atrasado como a Alemanha, que tem um partido avançado e que é arrastado para uma revolução avançada juntamente com um país tão avançado como a França, no primeiro conflito sério, assim que o perigo real ameaçar, será a vez desta parte avançada a agir, o que seria, de qualquer forma, prematuro.* No entanto, tudo isto não é importante, e **a melhor coisa que pode ser feita é preparar antecipadamente na**

Situação excepcional que exigiria uma teoria particular, a ser criada pelos revolucionários a fim de saberem o que fazer no caso de o poder cair-lhes no colo. Situação que caracterizaria uma *revolução comunista prematura*, que naturalmente evoluiria através de uma *transição comunista*.

É bem possível que Lenin não conheça a carta de Engels a Wiedemayer, de 12 de abril de 1853, editada na edição soviética no tomo 28 das Obras Completas de 1965, mas é evidente que ele está tentando criar uma teoria dessa tão inusitada transição, tal como exortava Engels. Avocar o comunismo e não o socialismo, presente na citação acima, não é, para Lenin, casual, é substantivo. Como se trata de uma transição comandada pelos comunistas e projetada para a emancipação dos trabalhadores, outra não seria tal transição que não uma transição comunista e, conseqüentemente o caráter dessa revolução não seria outro senão *comunista, uma revolução comunista prematura*. Que percorreria um longo caminho através do capital e simultaneamente contra o capital, pois quer aportar no comunismo, formação socioeconômica teoricamente tratada à exaustão nos três volumes do Capital, assim como nos cadernos preparatórios dessa obra, ou seja, formação que corresponde a uma formulação concreta. Entretanto, o mesmo não poderíamos falar do socialismo, essa sim, uma teoria sobre a qual Marx nada disse, muito menos sobre a teoria da revolução socialista, criada pelos próceres da II Internacional, que transitou à III Internacional e que tantos e insolúveis problemas causou (e ainda causa) ao movimento comunista, em especial à Revolução Russa e a todas as demais revoluções proletárias ocorridas nos séculos XX e XXI.

Lenin está, pois, formulando a teoria da transição comunista, do “*capitalismo de estado que acontece sob o comunismo*” nas condições particulares da revolução comunista prematura da Rússia. Ela deve, ou melhor, está condenada a transitar através do capitalismo (mas não do capitalismo propriamente dito), pois não há como saltar diretamente ao comunismo e *não há outra formação socioeconômica entre o capitalismo e o comunismo*, muito menos teorizada por Marx.

“O capitalismo de estado é o capitalismo que poderemos limitar, cujos limites poderemos estabelecer, este capitalismo de estado está ligado ao estado, e o estado são os trabalhadores, esta é a parte avançada dos trabalhadores, esta é a vanguarda, somos nós. *O capitalismo de Estado é o capitalismo que devemos enquadrar num determinado quadro e que ainda não sabemos como enquadrar nesse quadro. Esse é o ponto principal. E depende de nós como será esse capitalismo de estado. Temos poder político suficiente, absolutamente suficiente; existem também meios econômicos suficientes à nossa disposição, mas não há competências suficientes naquela vanguarda da classe trabalhadora, que foi apresentada para controlar diretamente, e para definir fronteiras, e para demarcar, e para subjugar, e não ser subordinada.* Tudo que você precisa é de habilidade, e nós não a temos.” (Lenin, 1970: 85-86)

A transição precisa ser comandada pelos comunistas não porque estes seriam homens de confiança de quem quer que seja, mas porque fiéis ao **comunismo, tal como Marx havia teorizado**, capazes de enquadrar o capitalismo em limites compatíveis com a **emancipação dos trabalhadores**, “*para controlar diretamente, e para definir fronteiras, e para demarcar, e para subjugar, e não ser subordinada*”. Para realizarem tal proeza histórica, os comunistas precisariam

nossa literatura partidária uma justificação histórica para o nosso partido, caso isso realmente aconteça.” (490-491) (tradução do russo e itálico, PALF)



capacitar-se para a tarefa, coisa da qual ainda estariam distantes. Estava assim traçado o trajeto da emancipação dos trabalhadores nas condições russas, soviéticas: um estado controlado por uma vanguarda comunista capacitada, capaz de enfrentar e superar os escolhos dessa longa e tortuosa travessia. Evidentemente, outras dimensões dessa expansão qualitativa e quantitativa da vanguarda operária deveriam também pautar-se por esse objetivo estratégico. Este, portanto, não poderia circunscrever-se exclusivamente às tarefas econômicas e sociais nacionais, coisa que uma revolução burguesa radical também poderia realizar.

O imprevisto, dentre tantos outros terríveis imprevistos da revolução russa, além da revolucionária, inovadora e ainda imprevisível proposta de Lenin, que vislumbra o capitalismo como acompanhante de pedra da revolução comunista sob a batuta de um estado emancipador liderado por um núcleo comunista emancipador de alto nível, garantia das demais dimensões da emancipação e fundamentalmente da **emancipação econômica dos trabalhadores**, estava em que se para a frente, para o futuro, opera a proposta do capitalismo de estado de Lenin, seria também possível efetivar uma transição comandada sob um **comando regressivo**, aos moldes pré-capitalistas e ao estilo do estado absolutista, a meu ver representada pela proposta do camarada Djugachvili, vulgo Stalin. A diferença substantiva entre as suas propostas está em que se a revolução comunista prematura russa, para atingir o comunismo, exige ser comandada pelo *eixo emancipador dentro e fora do estado, ou seja, do estado e da regente classe trabalhadora*, ao passo que a outra revolução possível, embora dizendo-se afiliada a Lenin e Marx, *é negadora do eixo social emancipador* e exige o eixo do comando unipessoal, da violência contra todos, da negação da hegemonia concordada e assim, *ao negar a emancipação dos trabalhadores como eixo, promove a emancipação do estado e assim, inevitavelmente, faz a transição aportar inevitável e impreterivelmente no capitalismo*. Assim ocorreu, de fato, para a perplexidade dos soviéticos, dos comunistas e, porque não, da humanidade.

A proposta de capitalismo de estado de Lenin, exige o reconhecimento do **vínculo vital** com o campesinato, ou seja, a legalidade das relações com essa classe passa pela política de conquistá-la para o projeto comunista. A proposta de Stalin, ao contrário, prescinde da política de conquista da hegemonia política e cultural sobre o campesinato, centrada que está no comando unipessoal, na conquista exclusiva das tarefas nacionais e radicalmente contra a emancipação dos trabalhadores, colocados em situação de subalternidade e anomia. **Simplificadamente, diríamos que Lenin propõe a estratégia comunista para o comunismo e Stalin a estratégia não-comunista, ou mesmo anticomunista que deságua no capitalismo**. A estratégia regressiva exige o mando, a ordem, o poder centralizador e unipessoal, a submissão de tudo e todos ao chefe supremo, cuja opinião se transforma automaticamente em verdade revelada e inconteste, ou seja, a um mando despótico tal como o dos reis absolutistas, que promovem o capital e condenam seus povos ao diktat feudal, forma de governo e ideologia que nada tem a ver com Marx ou Lenin e, portanto, com o objetivo central do comunismo, a emancipação dos trabalhadores, a emancipação social. Ou seja, o eixo vital que baliza e conduz a sociedade do capital para formas crescentemente emancipadas de uma reprodução social, da qual o capitalismo de estado é seu ponto de partida, ao ser negado pela estratégia de Koba, não deixará outra alternativa à essa sociedade profundamente despolitizada e violentada pela exercício crônico e sistemático da plena subordinação social ao déspota todo-poderoso, que não a alternativa de realização do império do capital, da relação social incontestada pela estratégia antiemancipacionista. Assim foi e será em todas as experiências de construção dessas sociedades sob as determinações teóricas e práticas da teoria do socialismo.

Com razão Lenin afirma ser comunista sua estratégia e não casualmente ali não a denomina como sendo socialista, pois o socialismo não é uma formação social determinada, concreta, teorizada por Marx⁴. Formações concretas e historicamente dadas na história são o capitalismo e o feudalismo (ou a comunidade asiática, por exemplo), ao passo que a sociedade transitiva, que se instaura com a ditadura do proletariado, não passa de simplesmente materializar uma seqüência de etapas transitivas da especial sociedade capitalista concebida por Lenin, no sentido do comunismo em sua forma prematura até a conquista de uma sociedade plenamente comunista. Assim pensava Marx em sua carta testamento aos líderes do partido alemão unificado (lassaleanos e eisenachianos), que tomou o nome de *Crítica do programa de Gotha*, na qual Lenin se inspirou ao escrever seu *O estado e a revolução*.

Transição comunista e as forças produtivas

Na estratégia comunista, a criação de novas forças produtivas aproxima o momento de alcance do comunismo, pois, então a classe operária – a mais importante força produtiva que comandaria o processo emancipatório – poderia enfim liquidar os últimos vestígios da sociedade capitalista. Forças produtivas materiais e humanas compõem um único processo, não há preeminência da etapa da produção material sobre o poder operário consubstanciado na emancipação mais avançada. A teoria das duas etapas, com a preeminência das forças produtivas materiais é uma invenção da teoria da revolução socialista, que coloca a emancipação do estado como primazia da etapa socialista, em detrimento da emancipação dos trabalhadores, ou seja, da emancipação econômica destes. (Koriaguin, A., F. Scheliakin, R. Tonkonog, 1977)

A transição concebida por Marx, portanto, ocorreria sob a forma de um capitalismo limitado crescentemente social, sob a égide do capital constrangido pelos trabalhadores e estado, um *capitalismo cada vez menos propriamente capitalista*, onde o capital controlaria cada vez menos o espectro da reprodução social e os trabalhadores, inversamente, controlariam cada vez mais a reprodução social e imprimiriam nela as suas necessidades crescentes enquanto trabalhadores emancipados. Por essas razões seria uma transição *comunista*. Para isso, ao longo de seu processo de evolução, a maioria da população da nação se tornaria um coletivo voluntário, consciente, organizado, capaz de planejar e hegemonizar essa evolução de modo a substituir o estado e superar o reino das mercadorias e, conseqüentemente, do capital. (Marx, 1969: 88-89; 499-501)

Porém, esta transição tem, necessariamente, dimensão universal. Não existe a possibilidade de uma plena transição comunista a partir de uma só nação, por mais avançado que seja o estágio de seu desenvolvimento e por mais populosa ou economicamente poderosa que esta seja. Esse debate é um dos muitos abandonados e esquecidos e esta questão, também abandonada e esquecida, é de suma importância. O imperialismo tudo faz e fará, enquanto existir, para desviar e sabotar a transição, seja ela comunista ou democrática radical e popular, de emancipação nacional, ou seja, capitalista. Para este, o simples fato das revoluções populares se afastarem da subordinação imperial já representa razão suficiente para elas serem hostilizadas e subvertidas. Tal é a experiência vivida por todas as revoluções autoproclamadas socialistas, incluída a revolução russa.

⁴ Embora igualmente se mantenha dentro do dogma do socialismo, dessa herança teórica da II Internacional.



As revoluções comunistas prematuras caminham pelo fio da navalha. A indiferença da massa da população, a situação minoritária da classe operária e nela, de sua vanguarda, a enormidade das tarefas práticas exigidas diuturnamente pela revolução, a condição minoritária dos partidos operários revolucionários, todo esse complexo de relações particulares fazem com que a via revolucionária seja estreita e tormentosa, ao ponto de fazer soçobrar facilmente a revolução comunista prematura, de ela ver-se engolfada pelo tsunami prático, de tal modo fazendo-a transigir com suas tarefas teóricas comunistas.

O tsunami prático é representado pelo estado, que se ordena a partir das exigências das mercadorias, ou seja, do capital e cuja calibragem comunista se faz por via do partido operário revolucionário. Esta calibragem, por sua vez, é exercida por uma fina camada de revolucionários mais capacitados e passível de ser radicalmente alterada, i.e., destruída, pelas reviravoltas na cúpula partidária, de modo a desvirtuar radicalmente o caráter da revolução. Ao invés da revolução resultar na acumulação e expansão da emancipação dos trabalhadores vis a vis o estado, teríamos a expansão da emancipação do estado vis a vis os trabalhadores.

Por sua vez, nesse sentido, a ideologia da teoria da revolução socialista tem uma grande força prática, ao estabelecer, de princípio, uma cesura entre a ação comunista e a socialista, de modo a obscurecer o projeto comunista. Os comunistas passam, então, a ser agentes de um projeto não comunista, que é, em última análise, de fato, um projeto, que afirma a emancipação do estado com relação ao projeto original matricial, de Marx, da emancipação dos trabalhadores.

Resulta dessa confluência de fatores, o paradoxo que se evidencia na exigência de uma vitoriosa revolução dos proletários, única capaz de mobilizar as forças revolucionárias contra o status quo e derrota-lo, para em seguida, após a sua realização, prescindir dessa mesma força motriz, em prol de uma revolução estatal.

A via crucis das revoluções proletárias nos capitalismo nascidos de revoluções burguesas conservadoras, põe-se e repõe-se ao longo do século XX e inícios deste século XXI e elas não passam de instrumentos dos desígnios das mercadorias e, por conseguinte, do capital. Caminhar através da força centrífuga do capital e aportar no comunismo exige a construção sistemática, perene, diuturna, do complexo de relações constitutivas da emancipação dos trabalhadores. Sem esse complexo emancipador, essas revoluções proletárias rumarão necessária, natural e inexoravelmente, à multiplicação das forças produtivas do capital e para o capital.

A teoria da revolução socialista inventa o socialismo como sendo uma nova formação social intermediária entre o feudalismo e o capitalismo (ou entre o capitalismo e o comunismo) fazendo obscurecer o caráter comunista da revolução, ainda que prematura e, conseqüentemente, as obrigatórias tarefas comunistas. As tarefas socialistas, portanto, nascem desobrigadas da transição comunista e são usadas de tal forma como estando imanentemente vinculadas ao comunismo, de forma que a nova formação social inventada estaria votada a desabrochar em um momento determinado como sociedade comunista, tal como a borboleta que produz o casulo dos fios da seda. Assim, por obra dessa nova teologia, em violação flagrante da dialética materialista, o socialismo produziria automaticamente o comunismo, mesmo desobrigado de gestar o complexo emancipador.

Lenin, ainda que usando o conceito de socialismo, de fato concebe uma transição comunista, com atributos comunistas, métodos comunistas e objetivos comunistas. A formulação do capitalismo de estado seguido da cooperação, soldando os destinos da transição à aliança entre

operários e camponeses, garantiria a reconstrução econômica da Rússia simultânea à hipotética vitória da estratégia comunista⁵. Inútil nos perguntarmos se ela seria vitoriosa, o que importa é a solução teórica proposta por Lenin, pois a história tem seus desígnios próprios, nem sempre adequados à verdade teórica ou aos acertos práticos das revoluções. Tal ocorreu com a Comuna, assim como com a revolução Russa e, sem exceção, com todas as revoluções proletárias posteriores. Tal abordagem nos permite pensar a história para além de seus desfechos imprevistos, que negam o sentido declarado das revoluções proletárias, e retirar dela os ensinamentos necessários para a construção do futuro. Ainda mais quando o futuro permanece nas trevas da teoria de uma revolução tratada à revelia de seu verdadeiro caráter, numa encruzilhada que conduz ao resultado contrário do prometido, do fruto que sonha oferecer e das águas turvas em que mergulham seus seguidores e ali se afogam. É imperativo desvendar o segredo desse socialismo que se faz passar por comunismo e que é responsável pelo desencanto universal dos proletários e confusão teórica e prática dos revolucionários, que mesmo após o fim da URSS continuam presos aos seus ossos.

Conclusões

A teoria da revolução socialista não é obra de Marx ou Lenin, nasceu no partido social democrático alemão, líder incontestado da II Internacional, obra de Lassale e corroborada por

⁵ IN, V.I. OC, t. 44, p. Moscou, 1970 (em russo):

“A nova política econômica significa substituir a apropriação por um imposto, significa uma transição para a restauração do capitalismo numa medida significativa. Até que ponto - não sabemos. Concessões a capitalistas estrangeiros (no entanto, muito poucas delas foram concluídas até agora, especialmente em comparação com as propostas que fizemos), arrendamentos a capitalistas privados - esta é a restauração direta do capitalismo e isto está ligado às raízes da nova política econômica. Pois a abolição da apropriação significa para os camponeses o livre comércio dos excedentes agrícolas não obtidos pelo imposto, e o imposto cobra apenas uma pequena parte dos produtos. Os camponeses constituem uma parte gigantesca de toda a população e de toda a economia e, portanto, com base neste comércio livre, o capitalismo não pode deixar de crescer.” (Lenin, V.I., OC t.44, p.160 “A NEP e as tarefas dos trabalhadores da educação política”, (tradução do russo, trad. PALF)

“Por outro lado, se o capitalismo vencer, a produção industrial crescerá e com ela o proletariado crescerá. Os capitalistas beneficiarão da nossa política e criará um proletariado industrial, que no nosso país, graças à guerra e à ruína e devastação desesperadas, foi desclassificado, isto é, arrancado da sua rotina de classe e deixou de existir como um proletariado. O proletariado é a classe envolvida na produção de bens materiais nas empresas da grande indústria capitalista. Desde que a grande indústria capitalista foi destruída, desde que as fábricas e as siderúrgicas foram destruídas, o proletariado desapareceu. As vezes ele era listado formalmente, mas não estava vinculado a raízes econômicas.

Se o capitalismo for restaurado, então também será restaurada a classe do proletariado, engajada na produção de bens materiais úteis para a sociedade, empregada em grandes fábricas de máquinas, e não na especulação, não na fabricação de isqueiros para venda e outros “trabalhos” que não é muito útil, mas muito inevitável na situação de devastação da nossa indústria.” (pág.162)

“Precisamos de fazer muito pouco mais do ponto de vista de um europeu “civilizado” (principalmente alfabetizado) para forçar todos a participar e a participar não passivamente, mas ativamente em operações cooperativas. A rigor, resta “só” uma coisa: tornar a nossa população tão “civilizada” que compreenda todos os benefícios da participação universal na cooperação e estabeleça essa participação. “Só isso. Não precisamos de qualquer outra sabedoria agora para avançarmos para o socialismo. Mas para realizar este “apenas” é necessária toda uma revolução, todo um período de desenvolvimento cultural de toda a massa popular. Portanto, nossa regra deveria ser: o mínimo possível de filosofar e o mínimo de frescuras possível. A NEP, a este respeito, representa um progresso na medida em que se adapta ao nível do camponês mais comum, e não exige dele nada superior. Mas para conseguir a participação de toda a população na cooperação através da NEP, é necessária toda uma era histórica. Podemos encerrar bem esta era em uma ou duas décadas. Mas ainda assim, esta será uma época histórica especial, e sem esta era histórica, sem alfabetização universal, sem um grau suficiente de compreensão, sem um grau suficiente de habituação da população ao uso dos livros, e sem a base material para isso, sem uma certa segurança, por exemplo, contra o fracasso das colheitas, a fome, etc. - sem isso não alcançaremos o nosso objetivo. A questão agora é sermos capazes de combinar esse alcance revolucionário, esse entusiasmo revolucionário que já demonstramos e demonstramos em quantidades suficientes e com certeza. Queriam o sucesso total, poder combiná-lo (aqui estou quase pronto a dizer) com a capacidade de ser um comerciante inteligente e competente, o que é suficiente para um bom cooperador. Por capacidade de ser um vendedor ambulante, quero dizer a capacidade de ser um vendedor ambulante culto. Que o povo russo ou apenas os camponeses, que pensam: já que ele comercializa, significa que sabe ser comerciante, pensem nisso. Isto é completamente falso. Ele negocia, mas ainda está muito longe de ser um comerciante culto. Ele agora negocia à maneira asiática, mas para poder ser um comerciante, é necessário negociar à maneira europeia. Toda uma época o separa disso.” (Lenin, V.I. OC t. 45, p. 373, “Sobre a cooperação,” em russo, trad. PALF)



Kautsky. Este e outros tantos equívocos da maior seriedade são veementemente criticados por Marx em sua carta aos dirigentes alemães, cujo programa afinal seria aprovado em Gotha, no congresso unificador das suas correntes principais do socialismo alemão, os lassalleanos e eisenachianos. A *Crítica ao Programa de Gotha* foi o nome posteriormente dado à essa carta-manifesto, testamento de Marx dirigido às próximas gerações, em 1875. A crítica é veemente, além de amarga e duríssima, ao ponto de Engels ser obrigado a amaciar seu impacto, suprimir certas expressões mais fortes normalmente usadas entre amigos de velhíssima data, mas chocantes para o público desavisado sobre tais hábitos sociais. Sem entrar em detalhes, presentes nas cartas trocadas entre Engels e esses dirigentes em 1891, 16 anos após a redação da Crítica, Engels teve que ameaçar com denúncia pública esses dirigentes amigos (Bebel, Kautsky e outros) devido à recusa destes em publicá-la.⁶

O fundamental, no que respeita ao tema deste texto, é que a teoria da revolução socialista é ali definitivamente desautorizada por Marx. A transição que se abre após a revolução é ali expressamente denominada **comunista**. Nenhuma menção a uma revolução socialista.⁷

Ao desvirtuar radicalmente todas as facetas da reprodução social, e violentar o eixo definidor da garantia de vitória – o campesinato em aliança com o proletariado e seu estado -, a estratégia de Stalin liquida irreversivelmente a revolução comunista e a transforma em forma regressiva de um estado absolutista empenhado em expandir ao máximo o reino exclusivo do capital e das mercadorias, embora formalmente preocupado em manter uma linha de igualdade social.⁸

O objetivo dessa revolução e, afinal, da transição comunista, no entender de Marx, é a emancipação dos trabalhadores e jamais a emancipação do estado. *A emancipação do estado sob o capital só poderia ser, no momento seguinte à ruptura dessa condição, ou seja, ao fim do poder revolucionário sobre ele, a emancipação do capital.*

Marx, sabedor das consequências mediatas e imediatas da hipótese da emancipação do estado e demais equívocos teóricos, do alto de sua vida de dedicação absoluta e permanente à decifração do processo histórico sob o capital e das necessidades da luta revolucionária contra

⁶ Marx & Engels, Obras Completas de Marx e Engels, edição soviética de 1965, tomo 39, carta nº 46, 1-2 de maio de 1891, de Engels a August Bebel: “Durante os 13 anos do império da lei contra os socialistas, não havia, entenda-se, nenhuma possibilidade de manifestar-se, dentro do partido, contra o culto a Lassalle.(...) Qual a diferença entre vocês e Puttkamer* se, em suas próprias fileiras, vocês introduzem uma lei contra os socialistas? Isso, para mim, não me afeta muito: nenhum partido de nenhum país, me obrigará a calar-me quando eu decidir falar, mas eu gostaria de fazer você pensar se não seria melhor para você ser um pouco menos melindroso e um pouco menos prussiano em suas ações. Vocês, o partido, precisam da *ciência socialista*, e ela não pode existir sem liberdade de desenvolvimento.” (p.76-77).

*Puttkamer, Robert Victor (1828-1900), autoridade pública reacionária prussiana, ministro do interior (1881-1888), um dos organizadores da repressão dos socialdemocratas durante a vigência da lei contra os socialistas.

⁷ “Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista existe o período de transformação revolucionária da primeira na segunda.” Marx, K. *Crítica ao Programa de Gotha*, OE, t.III, p. 23, Ed.Progreso, Moscú, 1976. (em espanhol).

⁸ De fato, muito longe de haver sido realizada. Muito interessante é o grande discurso de Milovan Djilas contra a definição de Kruchev, em 1949, sobre o caráter da liderança da sociedade iugoslava (“...a gangue de assassinos e espíões Tito-Rankovic, que” consumou sua passagem do nacionalismo ao fascismo e se tornou o direto agência do imperialismo, seu instrumento na luta contra o socialismo e a democracia”, Kruchev, Nikita A Amizade Estalinista dos Povos, 1949): “Aqui estão os principais desvios do Estalinismo: criação de ‘uma desigualdade nas suas relações com outros países socialistas e seus exploração; exaltação antimarxista do papel do líder, muitas vezes levando a falsificações grosseiras da história, e idolatria semelhante à encontrada nas monarquias; burocracias; promoção ideológica do nacionalismo russo, subestimação e rebaixamento do papel, cultura e história de outros povos que visam partilhar zonas de influência com estados monopolizadores da interpretação da ideologia marxista e das táticas a serem utilizadas pelos trabalhadores; ‘movimento; introdução de métodos que recorrem à mentira e ao escândalo no movimento dos trabalhadores; abolição da liberdade de discussão, restrição da iniciativa de massa, isto é, das forças produtivas fundamentais e, ao mesmo tempo, de todas as forças produtivas em geral; ...

esta relação social, proclama ao mundo seu desabafo final, sob a forma de epitáfio, com o qual bem podemos também finalizar este trabalho.

O capítulo IV da carta testamento de Marx, a crítica do programa de Gotha, dirigida aos dirigentes do partido operário alemão expressa essa situação particular das revoluções proletárias nascidas dessas revoluções burguesas específicas. Ela inspira o livro de Lenin *O estado e a revolução*, mas neosla esse problema não está ainda resolvido. Marx termina tal carta usando frase do profeta Ezequiel, *Dixi et salvavi animam meam* (Ez:33:9), (*Disse e salvei a minha alma*). Uma utilização não casual desta proclamação, deste desabafo do maior teórico do judaísmo. O profeta Ezequiel perora contra os judeus que abandonaram a verdade, para ele a fé, e que ao se tornarem incapazes de compreender o seu destino, serão vítimas deste, embora no futuro distante isso venha a ocorrer com o seu retorno à verdade. Uma evidente mensagem às futuras gerações de revolucionários, lutadores por uma sociedade liberta da escravidão aos deuses terrenos e celestiais.

Lenin lutou bravamente para conduzir a revolução russa na tormentosa transição comunista que se abriu com a tomada do poder. Seu ingente esforço sistemático de ir solucionando seus desafios práticos colocando-os em consonância com os objetivos emancipacionistas maiores da revolução social permanece como exemplo maior de ação revolucionária engenhosa, flexível e corajosa, livre de amarras metafísicas e preconceituosas.

A ideia da reconstrução socioeconômica da nação através da adoção do capitalismo de estado vinculado indissolavelmente à cooperação camponesa, que não seria um capitalismo propriamente dito, pois, dirigido pelo estado governado pelos comunistas e trabalhadores em geral e sob condições políticas e econômicas de limitação substantiva do capital bem evidencia a veracidade do acima afirmado. Assim, a transição comunista seria uma das possibilidades históricas da transição nesses polos de revoluções burguesas conservadoras.

Entretanto, havia outra via transicional, não comunista, capaz de efetivar a emancipação nacional, ou seja, de dotar a nação de um complexo de relações socioeconômicas capazes de garantir a expansão socioeconômica por meio da emancipação estatal subordinada ao capital, embora negando sob todos os aspectos a emancipação comunista, a emancipação dos proletários, operários e camponeses, que visaria superação do estado, da mercadoria e, por conseguinte, do capital. Nenhuma das vias propostas estava prevista nos manuais, ninguém havia teorizado a possibilidade dessas transições qualitativamente distintas.

A história cumpriu os seus desígnios insondáveis do modo que pareceu mais acertado para uma determinada geração de revolucionários.⁹ Lenin esteve isolado no que respeita à tomada do poder e na via de solução comunista do complexo de contradições posto no caminho da revolução. Demonstra um evidente dilema desta e de muitas outras revoluções dessa ordem, ao evidenciar o peso decisivo de determinadas personalidades no caráter de sua transição a

⁹ Esta citação de Engels, analisando a situação russa após a Guerra da Criméia bem pode ilustrar os dilemas da situação revolucionária russa em seu debate sobre as vias e caráter da transição a efetuar-se: "Por mais autocráticos que sejam, *en dernier lieu*, todos os governos somente são executores das necessidades econômicas de sua própria situação nacional. Poderão executar essa tarefa de diferentes maneiras - bem, mal, ou regular -; poderão acelerar ou deter o desenvolvimento econômico e suas conseqüências políticas e jurídicas, mas *à la longue* têm que segui-lo. Se os meios com os quais se levou a cabo a revolução industrial em Rússia foram ou não os mais adequados, esta é outra questão, e nos levaria demasiado longe discuti-la. Para meu objetivo basta a comprovação de que esta revolução industrial era inevitável", **Marx, Karl; Danielson, N. F., Engels, F., Correspondencia - 1868-1895**, Mexico, Siglo Veintiuno edit., 1981, p. 276-277 (18/6/1892) (grifo nosso).



novos patamares emancipatórios, que podem afastar ou incrementar o controle do capital sobre elas. A prematuridade dessas revoluções comunistas as torna naturalmente frágeis diante do embate de seus dirigentes maiores. Elas igualmente jamais poderão cumprir seu caráter comunista ao abraçar a teoria da revolução socialista, fato que obstaculiza o trânsito da humanidade a uma nova sociedade livre do capital.

Mas a história avançou e as novas gerações, do alto da compreensão de suas limitações podem novamente ousar fazê-la avançar sem temer recaídas nas armadilhas de seu destino recente. Assim podemos repetir Marx, dizendo novamente,

Dixi et salvavi animam meam.

Referências

- Hobsbawm, E. (2013). Podemos escrever a história da revolução Russa? In Sobre a história (pp. 332-346). São Paulo: Cia das Letras.
- Lenin, V. I. (1970). Obras completas (Vols. 44-45). Moscou.
- Marx, K., & Engels, F. (1969). Obras completas (Vol. 38). Editora de literatura política: Moscou.
- Marx, K., & Engels, F. (1981). Correspondência - 1868-1895. Mexico: Siglo Veintiuno edit.
- Marx, K., & Engels, F. (1976). Obras escogidas (Vol. III). Moscú: Ed. Progreso.
- Marx, K., & Engels, F. (1970). Obras completas (Vols. 44-45). Moscou.
- Koriaguin, A., Scheliakin, F., & Tonkonog, R. (Eds.). (1977). Economia política. Socialismo. In A. Koriaguin, F. Scheliakin, & R. Tonkonog (Eds.), (Cap. XV). Editora Mysl: Moscou.
- Marx, K. (1965). O capital (Vol. I). Izdatelstvo Politicheskoi Literatury: Moskva.
- Marx, K., & Engels, F. (1970). Obras completas (Vol. 28). Carta de Engels a Wiedemayer, Manchester, 12 de abril e 1853, pp. 485-493. IPL: Moscou.